

PANORAMA DA DANÇA NO ESPÍRITO SANTO

Ivna Vieira Messina*

Pesquisar sobre a dança no estado do Espírito Santo não é apenas reunir registros e pensar sobre eles. É um ato de resistência e uma possibilidade de apresentar um contexto quase desconhecido no país. Apesar de o Espírito Santo pertencer à região Sudeste, vista como o “eixo hegemônico” do Brasil, pode-se considerá-lo como “fora do eixo” dentro do “eixo”. Ao ser convidada para participar do evento Historiografias da Dança Brasileira escolho falar sobre esse contexto e aproveito a oportunidade para visibilizar a produção do estado apresentando um registro implicado em reflexões e interessado em promover modificações em seu entorno.

Esse registro se dá pelo Portal Dança no ES¹, blog criado em 2015 que mapeia e divulga a dança produzida e realizada no ES. O projeto nasceu como uma tentativa de que artistas da dança do estado do Espírito Santo se fortaleçam enquanto comunidade ao reconhecerem seus pares e histórias, e que a produção local de dança possa ser projetada para outros estados do Brasil. Nasceu também da constante sensação de que nada, ou quase nada, acontecia no campo da dança local. Ao serem colocadas lado a lado, atividades, registros, artistas e produções, ficam visíveis o volume, a diversidade e a persistência que transformam tal sensação e possibilitam o vislumbre de prosperidade em lugar da escassez.

Assim, esse texto apresenta uma pesquisa ainda em processo – e acredito que esse processo nunca se cessa - reunindo alguns rastros sobre a dança do ES e apresentando algumas reflexões, e não conclusões, que logo se tornam questões propulsoras para uma possível continuidade do projeto. Além disso, é um convite aos que queiram conhecer mais sobre a dança capixaba e aos artistas de outras localidades “fora do eixo”, que tenham a mesma sensação de carência sobre o seu entorno, para que tomem coragem de criar suas próprias historiografias.

¹ [HTTP://www.dancanoes.com.br](http://www.dancanoes.com.br)

O portal reúne notícias, banco de textos, mapeamento de grupos e artistas, entrevistas e realiza algumas ações formativas. Logo em seu início foi importante perceber o potencial de mediação do projeto, para além de um espaço virtual passivo, possibilitando trocas, formação, reflexão e fortalecimento da comunidade, ações que parecem cada vez mais necessárias para o desenvolvimento local e possibilitam, mais uma vez, o registro de seu próprio contexto.

Até agora o portal mapeou 41 artistas ou grupos² e 32 produções textuais³, realizou cinco entrevistas⁴ a figuras importantes da dança do estado (em parceria com a jornalista Patrícia Galletto), três rodas de conversa⁵ sobre processos de criação em dança com outros seis artistas, uma exibição de filmes de dança (em parceria com a Mostra OFF⁶) e quatro encontros do grupo de estudos Diálogos com a Dança⁷ (realizado em parceria com a artista e pesquisadora Flávia Dalla Bernardina). Em 2015 foram mapeadas seis estreias de espetáculos, no ano seguinte 16 estreias, em 2017 foram mapeadas onze estreias e até o primeiro semestre de 2018 oito estreias, todos em sua maioria trabalhos sem o apoio de editais. Números surpreendentes para um estado que possui pouquíssima projeção, até mesmo na região a qual pertence, a Sudeste.

É importante saber que o mapeamento e ações ainda se concentram majoritariamente na Grande Vitória, área em que atuo e onde iniciei minha formação como artista. Há a vontade de ampliar a pesquisa e atingir outros municípios para possibilitar um olhar mais amplo.

Algumas questões surgem a partir do ato de registrar um contexto. O que e quem mapear? É necessário se perguntar quais ações e agentes são menos visíveis, porém não menos potentes, e que carecem de difusão para que não sumam em meio à profusão de formações e ações preocupadas com a virtuosidade e as “competições” de dança. Necessário também pensar que

² <http://www.dancanoes.com.br/p/companhias-profissionais.html>

³ <http://www.dancanoes.com.br/p/banco-de-textos.html>

⁴ <http://www.dancanoes.com.br/p/entrevistas.html>

⁵ <http://www.dancanoes.com.br/p/danca-na-roda.html>

⁶ Mostra independente, organizada por grupos e artistas das artes cênicas da Grande Vitória, paralela ao Festival Nacional de Teatro da Cidade de Vitória

⁷ <http://www.dancanoes.com.br/p/dialogos-com-danca.html>

enquanto comunidade nossa identidade é plural, tomando cuidado para que as diversas manifestações de dança sejam entendidas como importantes sem estabelecer relações hierárquicas entre elas. Acredito que assim seja possível uma aproximação minimizando os preconceitos e possibilitando a construção de uma rede dentro do próprio estado visando o fortalecimento da comunidade.

Resistência

Como em todo território nacional, o ato de resistir é uma constante tanto para os artistas mais antigos quanto para os mais jovens. Há sempre uma sensação de desbravamento e reinvenção para que seja possível permanecer e seguir produzindo.

Dentre os agentes da dança do Espírito Santo podem-se destacar alguns por sua constante atuação. São eles a Cia de Dança Mitzi Marzzuti, que desde 1986 realiza intermitemente espetáculos coreografados por sua diretora e fundadora Mitzi Mendonça ou em parceria com artistas de outros estados como Alex Neoral, Cláudia Palma e Mario Nascimento. A Cia de dança Negraô, fundada em 1991 por Ariane Meireles e Renato Santos que já teve como coreógrafos Gil Mendes e Magno Encarnação e hoje é dirigida por Giovana Gonzaga. O Balé da Ilha dirigido por Karla Ferreira, que nasceu em 1994 como uma companhia de ballet de repertório e após alguns anos de pausa retorna com linguagem contemporânea mantendo como base corporal dos bailarinos o ballet clássico. A Cia VSD, Vitória Street Dance, pioneira local nas danças urbanas e desde 1997 dirigida por Lalau Martins. O Grupo Z, também surgido em 1997 da parceria entre Carla van den Bergen e Fernando Marques, que iniciou como grupo de teatro de rua e hoje pesquisa a transversalidade entre dança e teatro. A Homem Cia de Dança, fundada por Gil Mendes em 1999 e hoje dirigida por Eládio Netto, que também convida artistas como Augusto Soledade e Jorge Silva para colaborarem como coreógrafos. A Enki Cia de Dança Primitiva, nascida em 2000 e dirigida por Paulo Fernandes, ex-integrante da extinta Cia Neo Iaô. Também de 2000, a Cia K, anteriormente chamada Cia Kerigma, surgiu como um grupo de dança de igreja e hoje segue

pesquisando novos assuntos pelo viés da dança contemporânea. A Cia InPares, de 2004, dirigida e coreografada por Gil Mendes. A Cia de Dança Andora Ufes, grupo para-folclórico nascido em 2008 e coordenado por Antonio Carlos Moraes, fruto de projeto de ensino, pesquisa e extensão do curso de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. Também surgido em 2008 o Grupo Raízes da Piedade tem como missão aprimorar e divulgar o samba capixaba, realizando o Seminário do Samba e escolas de formação de passistas, porta-bandeiras e mestres sala.

Dos grupos surgidos na última década se destacam a Cia Urucum, nascida em 2009, que tem como diretora e intérprete a artista Déia Carpanedo. Também em 2009 surge a UDES – União dos Dançarinos do Espírito Santo, reunião de artistas das danças urbanas a fim de profissionalizarem e difundirem práticas de sua área. A Cia EluzArtes, de Eluza Santos, que desde 2010 trabalha com bailarinas profissionais acima dos 50 anos de idade. O grupo nascido em 2012, Underground Funkers, promove ações formativas com relação às danças urbanas. Os coletivos Emaranhado e Corpus Kardia, surgidos respectivamente em 2013 e 2014 são fruto de ex-alunos do curso técnico em dança da escola municipal FAFI e tem o interesse em cruzamento de outras linguagens com a dança. A Cia Soul Jazz, nascida em 2015 e com direção de Carol Mattedi, tem como foco a pesquisa do Jazz Dance. Também de 2015 a Cia Reverence tem direção de Karla Pargamnam, coreografia de Gabriela Moriondo e é oriunda do trabalho com jovens bailarinos que atuam no Studio que leva o mesmo nome. E finalmente os Grupos Marés e Corpocêntrica, de 2017 e 2018 respectivamente, formados por jovens mulheres que se interessam pela transversalidade de áreas de conhecimento de um ponto de vista feminista e buscam um acesso mais amplo da dança, levando apresentações e oficinas para a rua e outros espaços inesperados.

O estado não possui graduação em Dança e são recentes algumas especializações lato sensu na área, talvez por isso, ainda, é escassa a pesquisa acadêmica sobre a dança local. As monografias, teses e artigos são majoritariamente escritos por artistas da dança que falam a partir de outras áreas de conhecimento como a Educação Física e o Jornalismo. Além das escolas de dança e dos projetos sociais o município de Vitória mantém a

Escola Técnica Municipal de Teatro, Dança e Música FAFI, onde são oferecidos cursos livres, formação básica e formação técnica na área. Este espaço tem se mostrado importante por levar estudantes à profissionalização oferecendo uma formação diversa. O Museu Capixaba do Negro Veronica da Pas (Mucane) oferece cursos livres e o curso de qualificação profissional em Dança Afrobrasileira Cênica, além de abrir espaço para ensaios, aulas e oficinas de artistas e grupos profissionais que não possuem sede própria.

Alguns grupos e companhias oferecem aulas regulares, oficinas e vivências, gratuitas ou não, compartilhando suas pesquisas, seus saberes e modos de criação com o público em geral.

Na perspectiva profissional é comum a ida de bailarinos para fora do estado ou do país em busca de formação ou de oportunidades profissionais. Os que aqui permanecem trabalham como professores, ou dançam em grupos e companhias já existentes ou criam seus próprios trabalhos, sendo essa última opção mais rara. Muitos conciliam duas profissões para poder seguir dançando profissionalmente. A relação dos profissionais da dança com as escolas de samba tem se fortalecido a cada ano com o aumento de investimentos da secretaria de turismo no desfile das agremiações locais.

Os poucos espaços culturais para apresentações e temporadas, assim como editais que privilegiam montagens em vez de manutenção de grupos, fazem com que os artistas locais estejam sempre criando novos trabalhos e não tendo a oportunidade de amadurecimento de suas propostas. Junto a isso é importante salientar a dificuldade de circulação dos grupos locais para fora do estado. Ao mesmo tempo, ações como o Aldeia Sesc Ilha do Mel, mostra que propõe um panorama anual das artes cênicas do estado e a reflexão sobre ele, e o Cena Local, que viabiliza curtas temporadas de espetáculos no Centro Cultural Sesc Glória, têm fomentado o profissionalismo da dança capixaba e a ampliação de público.

Com isso os artistas locais têm buscado parcerias com espaços públicos e privados como academias de dança, o Mucane e a ocupação de ruas, praças

e praias para a realização de ensaios, ensaios abertos de processo, compartilhamento de práticas e apresentações.

Ao comparar os dados atuais com os mapeamentos realizados anteriormente, tanto pelo programa Rumos Itaú quanto por pesquisadores do estado podem-se perceber alguns padrões nesse contexto que de alguma maneira retornam.

A dificuldade de difusão dos artistas locais é uma constante, sendo muito rara a ida de algum espetáculo para se apresentar em outro estado. O quase inexistente intercâmbio com artistas e grupos de fora, além da pouca troca entre os grupos locais, dificulta a renovação de propostas e o crescimento da dança capixaba.

As ações que visam intercâmbio como fóruns, seminários e festivais são sempre descontinuadas por não conseguirem manterem-se financeiramente. Vitória já realizou alguns festivais de iniciativa dos próprios artistas ou da secretaria de cultura, como o Festival Vitória-Brasil, o Festival ES de Dança e o Fórum ES de Dança, mas essas ações surgem, duram por pouco tempo e logo míngam.

Ao perceber tal contexto o Portal pretende ser um espaço para além do virtual, propondo o encontro de artistas e público e o entendimento da necessidade de olharmos e falarmos sobre o trabalho uns dos outros. Dessa maneira não há a pretensão de eventos grandiosos e de largo alcance, mas sim da promoção de pequenas ações que reverberem nos próprios agentes e que esses se sintam convidados a contribuir de maneira mais ativa nessa transformação local, na construção deste acervo que o portal Dança no ES possibilita e na realização de ações que visem a criação de redes e intercâmbio.

Não acredito que haja outra maneira que não o caminho de a própria comunidade modificar-se a partir da conversa, do conhecimento de seus pares e suas histórias e a vontade de que, como um todo, possamos nos projetar enquanto criadores que fazem algo relevante para um contexto nacional.

Ao vislumbrar o que pode ser um panorama da dança no estado do Espírito Santo a partir da reunião de dados é necessário perguntar qual é a potencia deste material para a transformação, não apenas de seus agentes, mas também nos gerentes de poder público e privado que possuem maiores possibilidades de ação com relação à construção de políticas que visibilizem e impulsionem a dança capixaba.

REFERÊNCIAS

CAPAI, Humberto (coord.), Usina da Imagem. **Atlas do Folclore Capixaba**. SEBRAE, Vitória, 2009.

CURRY, Andreia. **Revista do Fórum ES de Dança**. Secretaria Estadual de Cultura do Espírito Santo: Vitória, 2010.

GABRIEL, Angélica Maria Pereira. **A trajetória da dança contemporânea no estado do Espírito Santo**. Monografia (Licenciatura em Educação Física). Universidade de Vila Velha, Vila Velha, 2003.

GRAIZE, Vitor. **Revista do Festival ES de Dança 2011**. Secretaria Estadual de Cultura do Espírito Santo: Vitória, 2011.

_____. **Revista do Festival ES de Dança 2012**. Secretaria Estadual de Cultura do Espírito Santo: Vitória, 2012.

RODRIGUES, Karla Maria. **A história da dança contemporânea capixaba**. Artigo (Especialização em Dança e Consciência Corporal). Universidade Estácio de Sá, Vitória, 2015.

ROSA, Themi. **Criação – difusão... linguajar a dança... Vitória**. In: Cartografia Rumos Dança 2006-2007. P.173-176. Itaú Cultural: São Paulo, 2007.

_____. **Dança contemporânea em Vitória (ES)**. In: Mapas e Contextos Rumos Dança 2009-2010. P.147-149. Itaú Cultural: São Paulo, 2010.

SANTOS, Eluza Maria. **The Dancing voice of culture: An ethnography of contemporary dance in Vitoria, Brazil.** Tese (Doutorado em Filosofia). Texas Human University. Denton, 1999.

SANTOS, Sarita Faustino dos. **Corpo, movimento e afirmação: Percursos do grupo de dança afro Negraô no ES.** Monografia (Especialização em Relações Étnico-Raciais na Escola). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

*Ivna Messina é artista e pesquisadora, intérprete-criadora no Grupo Z, proponente do projeto “Isso não é Flamenco”, coordenadora do portal Dança no ES. Graduada em Artes Plásticas (Ufes), especialista em Preparação Corporal para Artes Cênicas (Faculdade Angel Vianna) e pós-graduada da especialização em Estudos Contemporâneos em Dança (Ufba).